


## Descaminhos e desesperança: o Brasil de Luiz Ruffato em *O verão tardio*

*Aimless and hopelessness: the Brazilian middle classes in the novel O verão tardio, by Luiz Ruffato*

Enio Passiani\*

 0000-0001-9937-4413  
eniopassiani@gmail.com

### Resumo

O romance *O verão tardio*, do escritor mineiro Luiz Ruffato, organiza-se a partir de duas linhas de força: as classes médias nacionais e a temporalidade. Esta última emoldura e define a primeira, ambas articuladas pela voz narrativa do personagem central, Oséias, cuja modulação figura, ao mesmo tempo, o distanciamento entre as classes sociais, incapazes de se reconhecer mutuamente, e o processo de desintegração das porções menos favorecidas de tais estratos médios, resultado de um processo de reprodução do capital que prescindir da própria força de trabalho dos trabalhadores.

### Palavras-chave

Romance Brasileiro Contemporâneo; Luiz Ruffato; Classes Sociais; Classes Médias; Formação da Sociedade Brasileira

### Abstract

*The novel O verão tardio, by Luiz Ruffato, is organized from two lines of force, the national middle classes and temporality, this latter framing and defining the first, both articulated by the narrative voice of the central character, Oseias, whose modulation at the same time figures the distancing between social classes, unable to recognize each other, and the process of disintegration of the less favored portions of such middle strata, the result of a process of capital reproduction that does not require the workers' own workforce.*

### Keywords

*Contemporary Brazilian Romance; Luiz Ruffato; Social Classes; Middle Classes; Formation of Brazilian Society*

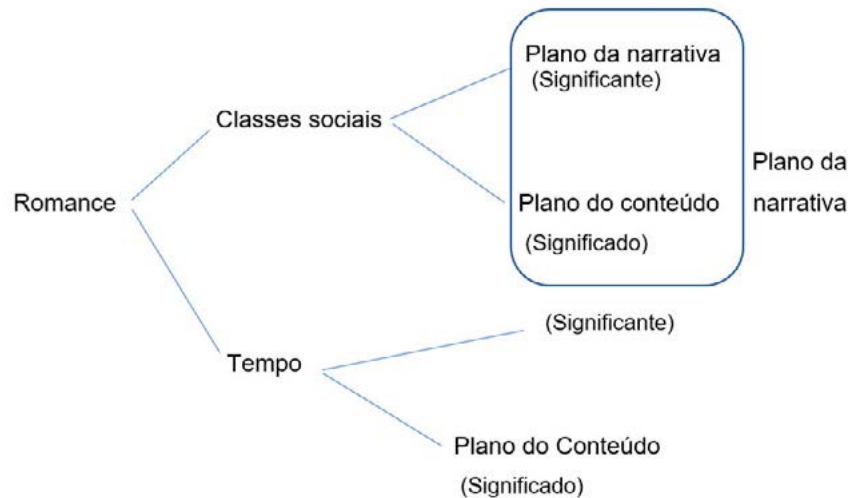
\* Professor do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS.

## I.

O texto que ora apresento constitui parte de um projeto em andamento que tem a obra do escritor mineiro Luiz Ruffato como objeto de estudo. Nesse sentido, o artigo ainda não se firma propriamente como um arremate, mas como o primeiro passo de um empreendimento mais longo. E mesmo no caso do livro que tomei como objeto de análise constatar-se-á, como deixarei claro mais adiante, que a linha de pesquisa aqui adotada não o esgota.

A escolha por *O verão tardio* e não outra obra de Ruffato como ponto de partida do projeto poderia, à primeira vista, parecer um tanto incoerente por tratar-se do seu último romance publicado. No entanto, como o livro, a meu ver, se mostra como o resultado mais maduro de seu projeto literário, a intenção é analisar sua obra retrospectivamente, perseguindo a recorrência de temas e questões, mas, principalmente, observar, a partir do ponto mais alto, como sua obra foi formalmente se transfigurando.

A análise assume como ponto de partida que o romance se estrutura a partir de duas linhas de força, as classes sociais e a temporalidade. Esquemáticamente, assim podemos observar sua organização:



Cada linha de força, por sua vez, se desdobra em dois planos, o da narrativa (o plano da linguagem, da forma ou, simplesmente, do significante) e o do conteúdo (o significado). No livro, o plano da narrativa da linha de força correspondente ao tempo é composto pelos dois planos (significante + significado) da linha de força relacionada às classes sociais.

Aqui me debruçarei sobre uma das linhas de força, aquela que trata das classes sociais, em seus dois planos, e argumentarei que a posição do narrador no romance realiza com êxito a figuração literária das classes médias baixas nacionais. Para fins expositivos tentarei dissecar uma das linhas de força separadamente da outra, o que não permite desconsiderar por completo a temporalidade, uma vez que é ela que atravessa e vertebrava o romance. O que se estabelece como amarra às duas linhas de força, que, como se viu, se subdivide em quatro planos, é a figura do narrador, que transita entre os tempos passado e presente de um ponto de vista socialmente identificável, que é o seu pertencimento de classe. Em suma: o artigo não tratará exaustivamente do tempo, mas das classes sociais, que exige a remissão à sua própria história num contexto particular e às lembranças das personagens.

## II.

Tratar das classes sociais, principalmente a partir da perspectiva das classes médias baixas, não é novidade em relação à literatura de Ruffato. Já apontado por vários críticos (DALCASTAGNÉ, 2012; ALVES, 2016; DELGADO, 2015; CERQUEIRA, 2018) e assumido pelo próprio autor em artigos de jornal, entrevistas e manifestos (como podemos tratar o discurso de Ruffato na abertura da Feira do Livro de Frankfurt, em 2013<sup>1</sup>) como uma espécie de coluna que sustenta todo o seu projeto intelectual, portanto, perpassando toda a sua obra. O centro de suas preocupações, assinala Dalcastagné (2012), é o homem comum e trabalhador, aspecto pouco comum em nossa história literária, que frequente e

---

<sup>1</sup> O discurso, em sua íntegra, pode ser encontrado em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,leia-a-integra-do-discurso-de-luiz-ruffato-na-abertura-da-feira-do-livro-de-frankfurt,1083463>. Acesso em 06/07/2019.

majoritariamente é composta por autores/as das classes médias mais abastadas que se dirigem para as mesmas classes médias abastadas. O próprio autor assume:

Sobre o que escrever era a pergunta que me parecia fácil responder. Obviamente, eu pensava sobre o universo que conheço, o do trabalhador urbano, os sonhos e os pesadelos da classe média baixa, esse recorte social indefinido, com todos os seus preconceitos e toda a sua tragédia. (...) Mas, curiosamente, quando fui pesquisar na história da literatura brasileira os meus antecessores, imensa a minha decepção. Poucos, ou melhor, pouquíssimos autores, haviam se debruçado sobre essa questão. (RUFFATO, 2008, p. 320)

Ele próprio oriundo das classes médias baixas, filho de um pipoqueiro e de uma lavadeira de roupas, foi operário da indústria têxtil, pipoqueiro como o pai e atendente de armarinho na juventude, Ruffato, ao fazer ficção de “baixo para cima”, opera um duplo movimento, que é um duplo questionamento: coloca em xeque, como veremos, a ideia de nação em nosso país (ALVES, 2016), assim como a própria literatura brasileira, que silenciou, se emudeceu perante tal estrato social.

O romance, em linhas bem gerais, mostra Oséias, o principal narrador da história, mas não o único, voltando à sua cidade natal, Cataguases, para reencontrar seu irmão, João Lúcio, e suas irmãs, Rosana e Isabela, depois de passar muito tempo em São Paulo (sem ficar claro exatamente quanto), onde trabalhou como representante comercial, casou-se, teve um filho, divorciou-se e aposentou-se.

A caracterização dos familiares e de suas respectivas definições sociais nos mostram que a família de Oséias figura e expressa as relações de classe no Brasil. Embora todos os seus membros tivessem a mesma origem de classe, é enfatizada uma classe média baixa, pois o pai foi, durante toda a vida, empregado numa fábrica de tecidos, e a mãe, para complementar a renda, “costurava para fora”. Alguns conhecem a ascensão social, como a de João Lúcio, que enriquece, e de Rosana, diretora de escola que ascende pelo casamento e passa a integrar uma classe média alta; por fim, Isabela, a Isinha, que permanece numa condição mais precária, aprisionada na mesma condição social e econômica de origem. A despeito da imprecisão sociológica de tais termos – classe média baixa, classe média alta e classe média média –, valho-me aqui de expressões nativas,

i.e., daquelas utilizadas pelo próprio Ruffato em seus textos, literários ou não. Em relação à fatura do romance, a família de Oséias, como já adiantado acima, representa um microcosmos social em que a classe média configura um tipo de totalidade social na qual toda a classe média estaria representada, marcada por mobilidades sociais para cima e para baixo e por tensões, por uma incapacidade brutal de aproximar-se.

### III.

Via de regra, a aproximação entre os mais bem sucedidos e os fracassados da família é quase sempre intermediada pelo dinheiro, pelo auxílio financeiro, nem sempre aceito. Revela-se uma indulgência que serve apenas como exercício do poder, o apaziguamento de uns, que fortalece uma sensação de dever cumprido, em detrimento da humilhação de outros. Não há entre os membros da família, portanto, qualquer possibilidade de uma interação mais solidária, mais fraternal ou simplesmente amigável; ou não existe a intenção da conciliação ou tal conciliação é frustrada quase que imediatamente, no momento mesmo em que é insinuada, limitando-se, sempre, a um lampejo:

“E a Isinha?” “Que tem ela?”, Rosana pergunta. “Seria tão bom se pudéssemos nos reunir, eu, você, ela, o João Lúcio... Já pensou? Como antes...” “Lá vem você com esses antigamentes... Antigamente não existe, Oséias, antigamente ficou pra trás! Morreu! Acabou!”, ela diz, zangada. (RUFFATO, 2019, p. 90)

Em mais de um momento no texto fica claro que as trajetórias das personagens do romance, para além do círculo familiar de Oséias, são irreconciliáveis, marcadas pela desesperança e pela solidão. O que se estabelece entre cada um e também entre o presente e o passado é quase sempre o confronto, colidindo-se entre si mais do que relacionando-se. E a cada colisão a distância entre elas aumenta ainda mais. As personagens encontram-se frequentemente em descompasso, provocando ruídos que impossibilitam a aproximação, a deteriorar qualquer forma de interação. Tamires, sobrinha de Oséias, filha de Rosana, a propósito das relações domésticas, declara:

“Somos planetas errantes naquela casa, tio. De vez em quando nossas trajetórias se cruzam, quase nos destruimos. Apesar de nos rejeitarmos, a nossa sobrevivência depende uns dos outros. Forças magnéticas... As órbitas...”. (RUFFATO, 2019, p. 40)

Ou seja, as relações não permitem viver plenamente, apenas sobreviver. A observação da personagem valeria para caracterizar quaisquer relações, familiares, amorosas etc, que observamos no romance. A voz de Tamires mais uma vez endossa tal constatação numa conversa com o tio Oséias:

“E vocês... mantêm contato com a Isabela?, com o João Lúcio”, mudo de assunto. “Não, muito raramente. A tia Isinha é muito pobre pra gente, e o tio Jôjo, muito rico...”, comenta, com troça. “A mamãe fala”, e remeda os trejeitos da Rosana, “Ah, a Isinha nunca engoliu o fato de estarmos bem! Ela morre de inveja, mas que culpa tenho eu se a vida dela não deu certo?!” Rimos ambos, a imitação é perfeita. (RUFFATO, 2019, p. 19)

Como já apontei acima, as relações interclasse que organizam o texto de Ruffato, como já admitido por ele próprio em outras manifestações, figura as relações entre as classes do próprio país, cada vez mais incompatíveis.

O distanciamento abissal que se estabelece entre as personagens, creio eu, soa algo próximo a um processo de reificação, não nos termos de Lukács, mas o reelaborado por Honneth (2018), como um “esquecimento do reconhecimento”, que impede a aproximação, a empatia, qualquer forma autêntica de solidariedade ou “afeição existencial” (HONNETH, 2018, p. 86). O efeito de um esquecimento assim, escreve Honneth, é provocar um desconhecimento em relação ao outro, o que lhe é caro, importante, destino de seu amor e cuidado, o que, por sua vez, impede o engajamento real com esse outro (Idem, ibidem). A ausência de uma postura de reconhecimento desenvolve a tendência de “(...) perceber os outros seres humanos meramente como objetos insensíveis.” (Idem, p. 87). Essa amnésia social engendra um autismo social que nos aprisiona num mundo próprio, com fronteiras rígidas e bem delimitadas, empobrecendo a nossa experiência, uma vez que perdemos a capacidade de compreender as manifestações comportamentais das outras pessoas, suas expressões humanas, não apenas num nível cognitivo – ainda que provavelmente isso ocorra -, a nos faltar, portanto, o “sentimento de vínculo” que pode nos unir (Idem, p. 87).

No caso do romance de Ruffato, a falta de vínculo que nos desumaniza não deixa de estar ligada às condições materiais de existência, à organização dos modos de produção responsável por criar determinadas formas de sociabilidade, inspirando um movimento de retorno a Lukács, a contrapelo de Honneth. Isto é: a falta do reconhecimento, como forma de reificação, entre as classes não deixa de se relacionar à deterioração das relações sociais fundamentadas nas condições materiais de vida e nos pertencimentos de classe. Nos termos de Lukács (2003), a atomização do indivíduo e a submissão da consciência estão atreladas às relações de produção, às formas de reprodução do capital.

No passado, na cidade de Cataguases, a indústria têxtil empregava famílias inteiras, garantindo o seu sustento e definindo muitos dos destinos pessoais. A cidade e as gentes se organizavam em torno da atividade tecelã. No entanto, no presente, o cenário é bem outro:

Já quase não há fábricas de tecidos, outros talvez sejam os endinheirados agora (...). A cidade está feia, suja, fedendo a mijó. O lixo se espalha pelos meios-fios. Mendigos e camelôs disputam os passantes. (RUFFATO, 2019, p. 24)

A cidade cresceu, urbanizou-se, mas não graças à indústria, outrora promessa do emprego, uma centelha de esperança. A cidade, atualmente, tem nos serviços e comércio sua principal atividade econômica, e muitos sobrevivem mergulhados no trabalho informal. Sinais da mudança do ciclo de reprodução do capital. Tais indícios no romance confirmam “(...) o engajamento materialista do autor.” (DELGADO, 2015, p. 190).

A economia da cidade vai se deteriorando, assim como as relações sociais, a ponto de a cidade e as pessoas perderem a nitidez, como fotografias que desbotam, pensa Oséias, até tornarem-se “(...) manchas esbranquiçadas, destituídas de qualquer significado.” (RUFFATO, 2019, p. 15). Ou como afirma Marilda, ex-namorada de Oséias, ao se reencontrarem casualmente numa papelaria da cidade: “Eu sou uma sombra branca e pálida, Oséias.” (RUFFATO, 2019, p. 75). A definição que Marilda ensaia para si mesma poderia ser aplicada a todas as personagens do romance, cruelmente marcadas pelo fracasso, pela desilusão, pelo malogro; todas solitárias e incapazes de se aproximar de quem quer que seja.

Se há “forte vezo materialista” (DELGADO, 2015, p. 194) nas narrativas de Ruffato, o apagamento das pessoas, essa forma perversa de desaparecimento, pode ser compreendido a partir das metamorfoses do capital.

É nas formas de circulação do capital que podemos encontrar uma possível chave interpretativa. Segundo Marx (1985), na circulação simples de mercadoria, cuja fórmula consagrada é  $M-D-M$ , o dinheiro torna-se secundário, pois o que realmente importa para os agentes sociais envolvidos é a troca entre mercadorias, portanto o dinheiro se converte em simples meio de troca e não é acumulado em nenhum ponto do circuito. Por isso, é *quase* como se ocorresse uma troca direta entre os bens:  $M-M$ . Já na circulação propriamente capitalista das mercadorias, cuja fórmula é  $D-M-D'$ , encontramos uma classe que poupou dinheiro suficiente para comprar e explorar uma mercadoria muito específica, a força de trabalho do trabalhador, gerando para esse comprador, o capitalista, mais dinheiro ao final do processo, a mais-valia. Nesse circuito, a presença física, viva do trabalhador é essencial, pois é sua expropriação que garante os ganhos do capitalista.

A reprodução do capital hoje prescinde da figura do trabalhador devido à sua financeirização, tornando-o dispensável. Se, portanto, o trabalhador correspondia, conforme Marx (1985), ao “indivíduo-nu”, i.e., despojado de tudo, de sua individualidade e até de sua humanidade, uma vez que foi reduzido à condição de “coisa”, simples mercadoria que, como outras, participava de um amplo circuito de trocas, hoje, a financeirização do capital, cuja fórmula seria  $D-D'$ , tornou as pessoas absolutamente descartáveis, anulando-as completamente. Nas formas mais contemporâneas de reprodução do capital o dinheiro-capital torna-se um valor sem a mediação da força de trabalho, por isso, repito,  $D-M-D'$  se converte em  $D-D'$  (BELLUZZO, 2013, p. 9). Ocorre, sob o capitalismo financeiro, uma espécie de autonomização do dinheiro, que se valoriza a si mesmo prescindindo do capital produtivo (MARX, 2011; BELLUZZO, 2013). Portanto, se no capitalismo industrial havia um processo de “coisificação” do trabalhador”, no estágio atual do capitalismo há um processo de “nulificação” que o dissolve, o descorporifica. A sobrevivência desses corpos se dá às custas de sua autenticidade, dependendo do investimento econômico e de um certo *ethos* para existir, ainda que de modo artificial - como é o caso, no romance, de Rosana, irmã de Oséias. A financeirização do capital, sua capacidade de reproduzir-se sem depender da mais-valia, aniquilou a indústria têxtil de Cataguases e, com



ela, a própria existência de parte considerável de suas gentes, bem como sua capacidade de reconhecer-se no outro.

#### IV.

Nesse sentido, a arquitetura do romance encontra em Oséias a voz narrativa adequada. A volta para Cataguases é motivada por algumas tentativas fracassadas de conciliação que se desdobram em três níveis: entre os irmãos e irmãs, entre o passado e o presente e de Oséias consigo mesmo – cujo sucesso depende dos outros dois níveis. Em boa medida, Oséias quer consertar as coisas, remediar sua vida e de sua família, que, segundo o personagem-narrador, começou a desandar devido à morte de uma de suas irmãs, Lígia, nunca explicitamente esclarecida. O/A leitor/a em nenhum momento sabe se a morte foi acidental ou se a irmã suicidou-se: “Se me perguntassem poderia apontar o dia exato em que tudo começou a desandar: vinte e três de fevereiro de mil novecentos e setenta e quatro. Noite de sábado de Carnaval.” (RUFFATO, 2019, p. 114).

O acerto de contas com os familiares e com o passado, que baliza o acerto de contas de Oséias consigo mesmo, também se deve à sua condição de saúde. Oséias é portador de uma doença fatal – nunca revelada ao longo da trama. Está prestes a morrer.

Toda a trajetória de Oséias o transforma em alguém sem lugar definido: sua vida em São Paulo, seu emprego como representante comercial que lhe garante uma suave ascensão social, o divórcio, a relação arruinada com a ex-esposa e o filho, a perda do apartamento, a aposentadoria compulsória devido à doença. Sozinho, sem dinheiro, sem nenhum tipo de bem, sem lugar pra morar, tudo isso faz de Oséias um personagem à deriva, alguém que está à margem de tudo e de todos, que se limita a vagar pelo mundo, sem posições firmes, sem opiniões que sejam genuinamente suas: “Com o tempo, essa espécie de tédio me transformou em personagem de mim mesmo, afeito a concordar sempre, a sempre dissimular minhas opiniões ou sentimentos, isolando-me mais e mais.” (RUFFATO, 2019, p. 26). É como se Oséias, pouco a pouco, fosse desaparecendo.

Oséias constitui-se, pois, num narrador fantasmagórico, espectral, cuja presença é perturbadora: “Sou um fantasma assustado esbarrando em corpos que se movem alvoroçados pelos territórios do passado.” (RUFFATO, 2019, p. 60).

A presença de Oséias só é possível a partir de sua ausência, ou seja, de sua inexistência enquanto pessoa, a lembrar a todos/as de seus próprios sucessivos fracassos, suas frustrações constantes, o isolamento auto imposto que os/as condenará ao esquecimento. Esse terrível narrador assombra a todos/as ao lembrar-lhes que é esse o destino que lhes aguarda também: o desaparecimento durante a própria vida.

O fato de nada ser é outro elemento assustador para os familiares de Oséias. Não ser coisa alguma se apresenta como uma negação de tudo que os seus irmãos viveram e conquistaram, principalmente Rosana e João Lúcio; é o atestado de que tais conquistas podem ser vãs, insignificantes. A presença de Oséias é justamente menos assustadora para Isinha, que nada tem, que resume seus dias a uma luta diária simplesmente para continuar existindo. Oséias é a imagem em negativo de seu irmão e irmã mais bem sucedidos – não é à toa que Oséias é praticamente expulso da casa de Rosana, onde inicialmente se hospedou ao retornar a Cataguases.

Oséias torna-se o narrador adequado à estrutura do romance porque constitui esse ser desencarnado – esse caráter é reforçado pelo fato de Oséias estar morrendo -, despojado de tudo, um ser que vai se dissolvendo por não ter mais lugar no mundo, por não ser mais capaz de se aproximar de alguém, de se relacionar. Essa intangibilidade vai definindo as camadas médias brasileiras, constituindo o seu ser, tanto no cume quanto no sopé: no caso dos primeiros em virtude do isolamento auto imposto, do “esquecimento do reconhecimento”; em relação aos últimos, por sua dispensabilidade, por sua inutilidade para a reprodução do capital.

Ruffato modula a voz narrativa de Oséias de modo a contemplar um determinado mundo social, o das classes médias brasileiras. O narrador de Ruffato não é o indivíduo burguês, daí não se confundir com o “herói problemático” de Lukács (2000), que correspondia ao indivíduo burguês em choque e em ruptura com o mundo porque as condições materiais de existência impediam sua realização enquanto indivíduo.

No caso de Ruffato, Oséias não se depara com o mundo que lhe faz promessas para em seguida negá-las. O mundo de Oséias é desprovido, desde o início, de qualquer sonho ou promessa. A negação é imediata, restando como alternativa a farsa – como são os casos de Rosana e João Lúcio – ou a resignação.

Oséias, por ter se resignado, se torna aquele fantasma que revela a farsa dos/as demais e a expõe ao/à leitor, e, além, denuncia que todos/as, sem exceção, serão anulados/as como protagonistas do mundo social.

### Referências

ADORNO, Theodor W. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: \_\_\_\_\_. **Notas de literatura I**. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2003.

ALVES, Wanderlan da Silva. O discurso de Luiz Ruffato em Frankfurt: polêmica, recepção inicial e paradigmas em disputa. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, nº. 48, p. 149-176, maio/ago. 2016.

BELLUZZO, Luiz Gonzaga. **O capital e suas metamorfoses**. São Paulo: Unesp, 2013.

BENJAMIN, Walter. O contador de histórias: reflexões sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. **Linguagem, tradução, literatura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**. Crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

CANDIDO, Antonio. O mundo-provérbio. In: \_\_\_\_\_. **O discurso e a cidade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CERQUEIRA, Rodrigo da Silva. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, nº. 55, p. 35-49, set./dez. 2018.

DALCASTAGNÉ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo, SP: Horizonte; Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

DELGADO, Gabriel Estides. A classe feita corpo: pertencimento e discriminação social em *Inferno provisório*, de Luiz Ruffato. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, nº. 45, p. 183-199, jan./jun. 2015.

GUINZBURG, Jaime. **Literatura, violência e melancolia**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

HONNETH, Axel. **Reificação**. Um estudo de teoria do reconhecimento. São Paulo: Ed. Unesp, 2018.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2000.

\_\_\_\_\_. **História e consciência de classe**. Estudos sobre a dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARX, Karl. **O capital**. São Paulo: Abril, 1985, v. 1.

\_\_\_\_\_. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo, 2011.

PULICI, Carolina. Migração de classe e vergonha cultural: trajetórias ascendentes entre a crítica e o reconhecimento das hierarquias simbólicas. **Pro-posições**, v. 27, nº. 3 (81), set./dez. 2016, p. 153-178.

RUFFATO, Luiz. Até aqui, tudo bem! (como e por que sou romancista – versão século 21). In: MARGATO, Izabel; GOMES, Renato Cordeiro (Orgs.). **Espécies de espaço: territorialidades, literatura, mídia**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

\_\_\_\_\_. **O verão tardio**. São Paulo: Cia. das Letras, 2019.

SANTIAGO, Silviano. O narrador pós-moderno. In: \_\_\_\_\_. **Nas malhas da letra**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

\_\_\_\_\_. Uma literatura anfíbia. In: \_\_\_\_\_. **O cosmopolitismo do pobre**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

SCHWARZ, Roberto. **Que horas são?** Ensaio. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

WALTY, Ivete Lara Camargos & GUIMARÃES, Raquel Beatriz Junqueira. Ruffato: um escritor e um projeto de nação. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, nº. 51, p. 41-63, maio/ago. 2017.

#### Sites

<https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,leia-a-integra-do-discurso-de-luiz-ruffato-na-abertura-da-feira-do-livro-de-frankfurt,1083463>. Acesso em 06 jul. 2019.

Submetido em setembro de 2020 e aprovado em outubro de 2020. Como citar:

PASSIANI, Enio. Descaminhos e desesperança: o Brasil de Luiz Ruffato em *O verão tardio*. **Arte e Ensaios**, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, vol. 26, n. 40, p. 333-345, jul./dez. 2020. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.37235/ae.n40.23>. Disponível em: <<http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>>